

Análise multissistêmica das minissentenças

Ataliba T. de Castilho

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CASTILHO, AT. Análise multissistêmica das minissentenças. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 62-81. ISBN 978-85-232-1185-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Análise multissistêmica das minissentenças

Ataliba T. de Castilho

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CNPQ

Apresentação

Por volta dos anos 60, a percepção visionária de Nelson Rossi o levou a organizar, na Universidade Federal da Bahia, o primeiro grupo de pesquisas linguísticas coletivas do Brasil. Ele tinha percebido claramente que, além de sua indispensável formação individual, os linguistas brasileiros deveriam conduzir as pesquisas numa forma conjunta, para enfrentar com mais eficiência os grandes temas necessários ao conhecimento linguístico do país.

Jacyra Mota integrou esse grupo, desenvolvendo pesquisas dialetológicas de que resultaram o *Atlas linguístico de Sergipe* (FERREIRA; MOTA; FREITAS; ANDRADE; CARDOSO; ROLLEMBERG; ROSSI, 1987), e de que resultará o *Atlas linguístico do Brasil*, este um projeto coordenado por Suzana Alice Marcelino Cardoso (CARDOSO, 2005).

Igualmente graças a Nelson Rossi, o país ingressou nas investigações sobre a Dialectologia Urbana, consubstanciadas num trabalho de dimensão nacional, o *Projeto de Estudo Conjunto e Coordenado da Norma Linguística Urbana Culta*, melhor conhecido como Projeto NURC. Também aí Jacyra e suas colegas gravaram e transcreveram entrevistas, presenteando a comunidade nacional com amostras da fala culta baiana (MOTA; ROLLEMBERG, 1994, 2006). Preparei um balanço da produção do Projeto NURC até 1990 (CASTILHO, 1990a).

Em 1988, surgiria um novo projeto, com o objetivo de analisar sistematicamente os materiais do Projeto NURC/Brasil: o *Projeto de Gramática do Português Falado*. Sob minha coordenação, esse projeto reuniu 32 pesquisadores brasileiros qualificados, realizou dez seminários e publicou numa série de oito volumes a extensa produção debatida nesses seminários (CASTILHO, 1990b, 1993; ILARI, 1992; CASTILHO; BASÍLIO, 1996; KATO, 1996; KOCH, 1996; NEVES, 1999; ABAURRE; RODRIGUES, 2002). A partir de 2002, teve início a trabalhosa consolidação dos resultados na gramática propriamente dita, que terá cinco volumes. Dois deles já foram publicados (JUBRAN; KOCH, 2006; ILARI; NEVES, 2008), estando em processo de editoração o terceiro volume, previsto para este ano (KATO; NASCIMENTO, 2009).

Graças a esses esforços, o português transformou-se na primeira língua românica a ter sua variedade falada culta amplamente descrita, num percurso que vai da organização textual-interativa, passa pela sintaxe das classes de

palavras e das construções, chegando à construção morfológica e fonológica das palavras.

Agora que dispomos de tanta informação linguística sobre o português brasileiro, um novo passo terá de ser dado: a interpretação dos achados e a busca de uma generalização.

Tenho feito alguns exercícios a esse respeito, desde 1989, buscando teorizar sobre a língua falada (CASTILHO, 1989a, 1989b, 1994, 1995, 1997a, 1997b, 1998a, 1998b, 1998c), e, mais recentemente, buscando teorizar sobre a gramática de uma língua natural (CASTILHO, 2004, 2009). Esses resultados desembocaram na *Gramática do português brasileiro*, a ser publicada neste ano pela Editora Contexto. Retirei o que se segue de parte do capítulo 8, que trata da minissentença e da sentença simples.

Imaginei que homenagearia Jacyra desse modo, continuando a conversar com ela sobre os temas que a documentação e a descrição da língua falada têm inspirado.

O texto está assim organizado: na primeira seção, apresento sumariamente o quadro teórico em que se situa este estudo; na segunda, conceituo a minissentença a partir dessa perspectiva; e, na terceira, faço uma proposta de tipologia dessa estrutura sintática.

Ciência clássica, ciência dos domínios complexos e abordagem multissistêmica

Para interpretar o conhecimento acumulado sobre o português brasileiro, precisaremos agregar à ciência clássica, muito boa para a descrição dos produtos, a ciência dos domínios complexos, excelente para a identificação dos processos de criação linguística. Ora, a língua falada documenta ao mesmo tempo produtos e processos, com forte ênfase nestes.

As seguintes afirmações configuram a ciência clássica:

1. *Os fenômenos encontrados na natureza são desordenados e confusos, ocultando sua regularidade.*
2. *Para assegurar alguns resultados e conclusões, temos de considerar os dados em sua estatividade.*

3. *Os sistemas identificados pela abordagem clássica têm uma grande elegância conceptual e uma notável simplicidade analítica.*
4. *O caminho para a descoberta científica é maiormente dedutivo. Cada situação é traduzida em termos matemáticos, um modelo é construído e, daí em diante, as ocorrências serão explicadas de acordo com esse modelo.*

Não comentarei aqui cada um desses princípios, o que fiz em Castilho (2007). Mas o fato é que, aplicados à língua falada, eles não deram certo, pois não conseguiram revelar o tremendo dinamismo de que a língua é feita. Muita coisa teria de ser varrida para debaixo do tapete, com o carimbo de *aberrante*. Daí a necessidade de se procurar outra perspectiva epistemológica.

As seguintes afirmações das ciências dos domínios complexos se mostraram mais sensíveis ao objeto empírico de que dispúnhamos:

1. *Os componentes dos sistemas complexos exibem um tipo de ordem sem periodicidade, em fluxo contínuo, em mudança – como queria Heráclito.*
2. *Os sistemas não são lineares, são dinâmicos, exibem um comportamento irregular, imprevisível.*
3. *Os elementos dos sistemas complexos exibem relacionamentos simultâneos, não são construídos passo a passo, linearmente. Eles são adaptáveis e auto-organizados.*
4. *As anomalias identificadas pela abordagem clássica exemplificam fenômenos vitais para o entendimento do problema, e não deveriam ser descartadas como aberrantes.*
5. *Uma nova topologia do impreciso, do vago, do aproximativo, precisará ser proposta.*
6. *Os sistemas complexos são adaptáveis e auto-organizados, seus agentes ganham experiência e reveem constantemente sua atuação.*
7. *A competição nos sistemas é mais importante que sua consistência.*
8. *Finalmente, ao tratar de fenômenos complexos, nenhum método revelará por si mesmo o objeto por inteiro.*

Esses princípios são de grande ajuda quando analisamos uma conversa, lemos sua transcrição, ou mesmo quando trabalhamos com textos escritos.

Mas como estabelecer um diálogo entre a Linguística e as ciências dos domínios complexos acima definidas? Como se sabe, essas ciências têm sido largamente desenvolvidas na Meteorologia, na Economia, na Psicologia, cujos objetos empíricos são imprevisíveis, dinâmicos, de difícil modelização (GLEICK, 1988; WALDROP, 1993; CILLIERS, 2000). Mas a Linguística, tanto quanto saiba, tem ficado de lado.

Para encaminhar o debate, e postular a língua como um sistema dinâmico e complexo, precisaremos aceitar as seguintes premissas:

- (1) *Do ângulo de sua produção, as línguas serão definíveis como um conjunto de processos mentais, pré-verbais, organizáveis num multissistema operacional.*

Os processos que organizam as línguas entendidas em seu dinamismo operam (i) simultaneamente, não sequencialmente, (ii) dinamicamente (não são entidades estáticas), (iii) multilinearmente (não são entidades unilineares).

Esses processos podem ser razoavelmente articulados e concentrados em quatro domínios: (1) lexicalização, (2), discursivização, (3) semanticização e (4) gramaticalização.

Ainda que timidamente, os estudos sobre a gramaticalização levantaram o véu da língua-enquanto-processo. Mas faz falta enquadrá-la entre os outros processos de criação linguística, descartando a atual abordagem epifenomênica da gramaticalização (CASTILHO, 2004).

- (2) *Do ângulo de seus produtos, as línguas serão apresentadas como um conjunto de categorias igualmente organizadas num multissistema.*

A língua-enquanto-produto é um conjunto de categorias agrupadas ao mesmo tempo em quatro sistemas: (1) Léxico, (2) Discurso, (3) Semântica e (4) Gramática.

Esses sistemas serão considerados autônomos uns em relação aos outros, ou seja, não se admitirá que um derive de outro, nem se proporá uma hierarquia entre eles, rejeitando-se relações de determinação comuns na literatura disponível. Em consequência, não se postulará a existência de sistemas centrais e de sistemas periféricos, como tem ocorrido desde o tempo dos neogramáticos. Qualquer expressão linguística exhibe ao mesmo tempo características lexicais, discursivas, semânticas e gramaticais. É disso que as línguas naturais são feitas.

Seja como conjunto de processos, seja como conjunto de produtos ordenados nos quatro sistemas, a língua depende de uma articulação inter-sistêmica, que assegure a eficácia de seu uso. Proponho que essa articulação se dá através do Princípio sociocognitivo de ativação, reativação e desativação de propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Esse princípio tem seu fundamento nas estratégias da conversação (CASTILHO, 1998a).

A minissentença numa abordagem multissistêmica

Em diferentes situações sociais — que facilmente podemos identificar, como falante do português —, ouvimos expressões como estas:

- (1) a) *Seu maluco, seu doido!*
- b) *Esse menino!*
- c) *Liquidação, meu!*
- d) *Negócio fechado.*
- e) *Ei, você aí!*
- f) *Eu primeiro.*
- g) *Ainda em Guarulhos.*
- h) *Ladrões para a cadeia!*
- i) *Coitado do homem!*
- j) *Meu guarda-chuva!* (exemplos de Melo, 1976, p.123)
- k) *Difícil, cara!*
- l) *Só eu, não, violão!*

Abrindo um jornal, vamos lendo as manchetes e os títulos das matérias, e encontrando expressões como estas, retiradas da *Folha de S. Paulo* de 25 de janeiro de 2008:

- (2) a) *Em observação*
- b) *O voo de Jobim*
- c) *Prêmio ao invasor*
- d) *Lula, Karzai, Nehru*
- e) *Feijão, pagode e globalização.*

Em gravações da língua falada,¹ ou mesmo bisbilhotando a conversa dos outros, ouve-se isto com frequência:

- (3) a) *aliás Física* (D2 SP 167)
 b) *uma coisa interessante* (D2 REC 05)
 c) *bom... o pior horário... de saída... da cidade de manhã...* (D2 SSA 98)
 d) *esse aqui atrás* (D2 RJ 355)
 e) Loc 2 *filhos da pílula não?* ((risos))
 Loc 1 *não...* ((risos))
 Loc 2 *nem da tabela?* ((risos)) (D2 SP 360)
 f) Loc 2 *uma razão... isso... balanceada*
 Loc 1 *balanceada* (D2 POA 291)

E agora? Onde é que está o verbo, central na construção de uma sentença? E seus argumentos, onde se meteram?

Em (1d) e em (3f), há participios acompanhando um substantivo. O participio é uma forma nominal do verbo, sem morfologia de pessoa e, portanto, não organiza uma sentença simples, prototípica.

Em outros casos, parece que os verbos *ser* atributivo e existencial e *estar* foram omitidos, como se comprova por estas paráfrases:

- (1') a) *Esse aí é um maluco, é um doído!*
 c) *É liquidação, meu!*
 d) *O negócio está fechado.*
 f) *Eu sou o primeiro.*
 g) (O avião) *ainda está em Guarulhos.*
 k) *Está difícil, cara!*
- (2') a) *Está em observação.*
 b) *O voo é de Jobim.*
 c) *É um prêmio ao invasor*
 d) *É Lula, Karzai, Nehru.*
 e) *É feijão, pagode e globalização,*

e assim por diante. Mas o teste da paráfrase não funciona em (1e), (1h), (1i), (1j). Além do mais, essas operações de paráfrase denunciam um esforço em reduzir as ocorrências acima à estrutura das sentenças prototípicas. Será mesmo razoável procurar essa derivação?

¹ Diálogos entre dois informantes (D2), inquéritos linguísticos registrados no Projeto NURC nas cidades de São Paulo (SP), Recife (REC), Salvador (SSA), Rio de Janeiro (RJ) e Porto Alegre (POA).

A resposta será *sim*, se estivermos motivados pelas afirmações da ciência clássica, caso em que talvez não consigamos delinear um estatuto categorial para essas expressões. A resposta será *não*, se estivermos motivados pela ciência dos domínios complexos, caso em que poderemos postular esse estatuto.

Tomarei o segundo caminho neste texto e, em consequência, não tratarei (1) a (3) como derivações de sentenças simples, em que se apaga um constituinte aqui, se retorce outro acolá, etc. Como falantes do português, temos à nossa disposição mais de um esquema de produção de estruturas sintáticas, com ou sem verbo, que acionaremos de acordo com as conveniências do ato discursivo.

As estruturas (1) a (3) não são palavras soltas, numa sequência doida, pois podem ser analisadas como sintagmas. Estudando a organização sintagmática dos exemplos acima, encontraremos aí sintagmas nominais, sintagmas preposicionais, sintagmas adjetivais e sintagmas adverbiais. Mas sintagmas são sentenças?

Para começo de conversa, não dá para descartar essas estruturas, pois elas são perfeitamente possíveis e compreensíveis. É verdade que a definição de sentença, aquela com direito a um verbo na forma pessoal, acompanhado de sujeito, complementos, adjuntos, casos gramaticais, papéis temáticos, etc., dá conta de grande parte das expressões. Entretanto, e sobretudo quando o objeto empírico é a língua falada, topamos com mais sintaxes do que sonhava nossa vã filosofia. Aí estão os exemplos (1-3) que não nos deixam mentir.

Diante do impasse, das duas, três:

(1) Excluo esses dados de minhas análises, praticando a famosa pasteurização dos dados.

(2) Nego a gramaticalidade dessas expressões e jogo tudo no colo do Discurso. Não vai dar, pois, de acordo com a teoria aqui esposada, toda expressão linguística encerra ao mesmo tempo propriedades lexicais, semânticas, discursivas e gramaticais. Indo por aí, o Discurso não exclui a Gramática, nem se constitui de estruturas “agramaticais”.

(3) Trato de alargar meu entendimento sobre o que raios é uma sentença e investigo o que se passa à sua volta.

Adotada a estratégia (3), façamos uma rápida análise multissistêmica das expressões listadas de (1) a (3) para ver no que dá.

Propriedades gramaticais

Todos os exemplos são sintagmas simples ou coordenados, podendo conter outros sintagmas encaixados:

- Sintagma nominal: (1a-f, h-j, l), (2b-e), (3a-f).
- Sintagma adjetival: (1k).
- Sintagma adverbial: (1g), (3a).
- Sintagma preposicional: (1g, 2a).

Lembre-se ainda que, do ponto de vista da fonologia suprasegmental, esses sintagmas contam com prosódia própria, a ser descrita.

Propriedades semânticas

Os casos aduzidos exemplificam quase todas as categorias semânticas conhecidas:

- Déixis: em (1f) e (3d), há déixis espacial, expressa por *primeiro*, que coloca numa dada ordem as pessoas no espaço físico, e *aqui atrás*, que dispensa comentários. Em (1e-f, l) há déixis pessoal, expressa por *eu* e *você*; note-se que em (1e), se combinam as déixis pessoal de *você*, e espacial, de *aí*. Menos mal, pelo menos os locutores ou as pessoas que foram mencionadas podem contar com uma ancoragem cognitiva básica, sua localização nos eixos da PESSOA e do LUGAR.
- Referenciação: os sintagmas nominais relacionados acima remetem a um referente, à cuja volta o enunciado está construído.
- Predicação: os sintagmas adjetivais, alguns adverbiais e os preposicionais enumerados acima predicam sujeitos e complementos. Os sintagmas verbais só não organizam sentenças por não trazerem verbos pessoais em seu núcleo.
- Verificação: em (1g) e (3a), os sintagmas adverbiais incluem no espaço de *Guarulhos* e de *Física* participantes não mencionados. Em (11), nega-se a inclusão de um participante num evento pressuposto.
- Pressuposição: todos os exemplos pressupõem participantes da cena discursiva, estados, ações ou eventos que não foram verbalizados.

Propriedades discursivas

Uma vez contextualizados, os exemplos aduzidos asseguram grande velocidade ao texto, por saltarem participantes, ações e eventos facilmente identificáveis.

E então, em que ficamos? Uma solução razoável, sempre nos agarrando à estratégia (3), será postular que, no mundo da gramática, os *sintagmas* e as *sentenças* convivem com outra unidade sintática, a *minissentença*, exemplificada na abertura desta seção.

A minissentença pode ser definida como sintagmas que

- (1) não são selecionados por um verbo em forma pessoal,
- (2) são dotados da mesma pauta prosódica encontrável nas sentenças,
- (3) predicam entidades pressupostas,
- (4) são utilizados quando se quer imprimir rapidez ao texto.

O termo *minissentença* inclui o termo *sentença*. O formante *mini* se justifica: as minissentenças não têm verbo pleno; o formante *sentença* se justifica porque se reconhece que sentenças e minissentenças compartilham as propriedades relacionadas acima. Valeria a pena destacar a propriedade da predicação, dada sua importância no arranjo das expressões.

Elaborando um pouco esse argumento e analisando de novo as expressões (1-3), pode-se observar que as nossas minissentenças predicam um escopo inferível a partir desses enunciados. Afinal, se grito *Seu maluco!* ou *Liquidação, meu!*, atribuo a alguém ou a alguma coisa (um indivíduo, uma loja) as propriedades de maluquice e de liquidação, respectivamente. Temos predicação, temos seu escopo, ainda que não expresso no enunciado. Vamos então insistir em que as minissentenças expressam uma predicação do que foi pressuposto. A predicação do posto é uma tarefa muito bem desempenhada pelas sentenças simples e complexas.

A flutuação terminológica que se tem observado na rotulação da minissentença, ao mesmo tempo em que aponta para a dificuldade de fixar seu estatuto, aponta para a percepção comum de que a minissentença é um dado da língua que não deve ser descartado em sua descrição. Sustento que as minissentenças são perfeitamente habilitadas a uma vida útil em sociedade. Mas não há nenhuma originalidade nisso, pois vários autores trataram dessa estrutura. Jespersen (1924 [1971, p.308]), Sechehaye (1926 [1950, p.11-38]), Bally (1951), Melo (1976, p.123), Stowell (1985), Kato (1998), entre outros, chegaram

bem antes, denominando essa unidade, respectivamente *monorremas*, *orações unimembres*, *frase inorgânica*, *small clause*.

Os exemplos que esses autores aduzem não coincidem totalmente com os meus, pois estou descrevendo essas estruturas de modo deliberadamente amplo.

Resumindo o que foi dito até aqui, um verbo pleno acompanhado de seus sintagmas organiza uma sentença simples. Sintagmas nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionais organizam uma minissentença. Falta agora identificar a tipologia das minissentenças.

Tipologia das minissentenças

Retornando aos exemplos (1-3), observando as classes gramaticais que atuam como núcleos das minissentenças, nota-se que é possível identificar aí pelo menos quatro tipos: substantivo, adjetivo, advérbio, preposição. Vamos analisar os tipos de minissentenças assim organizados e depois situar essa estrutura no quadro dos estudos sobre a língua falada.

Minissentença nominal

Um sintagma nominal funciona como minissentença quando não foi selecionado por um verbo pleno. Tratando-se de expressões referenciais, esses sintagmas “aceleram” o texto, agregando tópicos e propriedades de tópicos sem amarração sintática com os verbos plenos que os antecedem.

São exemplos de minissentenças nominais (1a-f, h-j, l), (2b-e), (3a-f). A estas, acrescento:

- (4) a) *Fantasiou vários doentes na imaginação. Uma velha. Sequinha e miúda, tossindo, tossindo, sentada na cama... Uma menina. Abrindo os olhos, espantada com o luar no quarto, e sentindo no peito o aperto, aquele aperto.*²
- b) *Rosa fizera da boca uma rosa vermelha. Os dentes regulares muito brancos.*³

² QUEIRÓS, Dinah Silveira de. *Floradas na serra*. 8.ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1958. p.19.

³ ANDRADE, Mário de. *Os contos de Belazarte*. 4.ed. São Paulo: Martins, 1956. p.16.

c) *Algum tempo depois Colodino se despediu. A trouxa no ombro, o fifó na mão, o revólver na cintura. Nós sentíamos o coração apertado.*⁴

d) *Germar Pinto, Jerônimo, ele nasceu no vale? Eu não o vi nascer, Jerônimo disse, a sua fisionomia agora inescrutável como o próprio vale. [...] Tinha um ofício, Gemar Quinto, mas não trabalhava a terra. [...] Um caçador, Gemar Pinto. Seu fraco eram as noites, as armadilhas, a caatinga. [...] Um caçador, Gemar Pinto. Em Jerônimo, quando assim se detinha para revelar episódios do vale ou erguer a vida de um habitante, [...] o que impressionava era a vigilância do olhar. [...] Um caçador, Gemar Quinto. Dele diziam que usava o arco como um índio e nele realmente havia muita coisa de bugre. [...] Gemar Quinto, um caçador.*⁵

Em (4a), o contexto maior não permite a leitura *X fantasiou uma velha, X fantasiou uma menina*. *Velha* e *menina* são propriedades da mesma personagem, retratada em diferentes momentos de sua vida. Em (4b), *os dentes* dá mais informações sobre a equação *boca = rosa vermelha*, e assim por diante.

Embora as minissentenças não funcionem como escopo das predicções desencadeadas por verbos plenos, elas podem encerrar processos predicativos em seu interior. É o caso dos adjetivos *regulares*, *muito brancos*, que predicam *dentes*, em (4b), *caçador*, que predica *Germar* em (4d); esse é também o caso de *no ombro*, *na mão*, *na cintura*, sintagmas preposicionais que predicam *trouxa*, *fifó*, *revólver*, em (4c). Isso sem mencionar a preposição *em*, que predica os substantivos que se lhe seguem.

De um ponto de vista estrutural, as minissentenças nominais podem ser:

- Simples, quando dotadas de um só sintagma nominal, como em (4a).
- Complexas, quando dotadas de vários sintagmas nominais justapostos, como em (4c).

É acentuada a densidade semântica das minissentenças e o papel discursivo que elas assumem. Como não dispõem de um verbo finito, elas aceleram a narração dos eventos e a caracterização descritiva das personagens, como já se disse aqui. Mas não estou dizendo que elas não têm sintaxe!

⁴ AMADO, Jorge. *O país do carnaval*. 9.ed. São Paulo: Martins, 1959. p.235.

⁵ ADONIAS FILHO. *Memórias de Lázaro*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. p.66-67.

Minissentença adjetival

Nas mesmas condições do caso anterior, sintagmas adjetivais podem organizar uma minissentença:

- (5) a) *Já nossa amiguinha Graciete Santana quer o “Dia da Progenitora”, como se já não bastasse o “Dia da Genitora”. [...] Lamentável.*⁶
 b) *Invisível, macio, traiçoeiro, o tempo passa.*⁷
 c) *Horrível o teu cabelo.*
 d) *Combinado, eu como a comida e você paga a conta.*

Uma minissentença adjetival como (5d) encaixada em sentenças organizadas por *ter/haver* + particípio deu origem ao pretérito perfeito românico.

Os exemplos acima, a que se pode agregar (1k), mostram sintagmas adjetivais funcionando como adjuntos adsentenciais, ou seja, em adjunção a sentenças. O escopo de *lamentável, invisível, macio, traiçoeiro* é toda a sentença simples que antecede ou se segue. É óbvio que apenas os adjetivos predicativos podem funcionar como minissentenças, donde a inaceitabilidade de:

- (6) a) * *Rural, esta casa.*
 b) * *Governamentais, estes problemas.*

Em (5a-d), as minissentenças adjetivais estão justapostas a sentenças simples. A estrutura assim produzida responde à pergunta “como ficou X após ter feito Y?”. A estrutura da resposta é uma sentença organizada por verbos do tipo “X faz Y e Y é/está Z”, em que se encaixa a minissentença.

- (7) a) *Os pesquisadores encontraram o povo doente.*
 b) *O índio encarna, idealizadas, utópicas, a pureza e a inocência que todos perdemos na vida brutal da cidade.*⁸

Em (7a), o sintagma nominal *o povo* é objeto direto de *encontraram* e sujeito da minissentença *doente*. Em (7b), os sintagmas nominais coordenados *a pureza e a inocência* funcionam como objeto direto de *encarna* e sujeito das minissentenças *idealizadas, utópicas*. Uma só estrutura desempenhando duas funções. Mais um exemplo do multifuncionalismo dos constituintes sintáticos, fenômeno denominado *anfilogismo* na Gramática tradicional. Mais um caso de funcionamento simultâneo de dois impulsos verbais.

⁶ PONTE PRETA, Stanislaw. *Última Hora*, São Paulo, 19 abr.1965.

⁷ RESENDE, Otto Lara. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 8 abr. 1992.

⁸ RESENDE, Otto Lara. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 20 jun.1992.

Etiquetando esses exemplos, obtém-se:

- (7a') *Sentença simples* [Os pesquisadores encontraram o povo] *Minissentença* [doente]
(7b') *Sentença simples* [O índio encarna a pureza e a inocência] *Minissentenças* [idealiza-
das, utópicas]

Essa análise por colchetes separa as minissentenças [doente] e [idealiza-
das, utópicas] dos sintagmas verbais [encontraram o povo doente] e [encarna a
pureza e a inocência]. Essa notação mostra que esses sintagmas adjetivais não
integram os sintagmas nominais [o povo] e [a pureza e a inocência], respec-
tivamente. Por outras palavras, a parentetização mostra que há uma fronteira
sintática entre a sentença simples e a minissentença adjetival, que não está
encaixada nos sintagmas nominais.

Numa análise diferente da que é aqui apresentada, Kato (1988) identifi-
cou duas funções de minissentenças adjetivais:

- (8) Minissentenças em função de complemento
a) *Considero os meninos* [inocentes].
b) *Maria acha o João* [um gênio].
c) *Eu vi as visitas* [saindo].
(9) Minissentenças em função de adjunto
a) *Eu como as cenouras* [PRO cruas].
b) *Encontrei o dinheiro* [PRO escondido].

Ela considera que essas estruturas ocorrem com verbos de alçamento:

- (10) Minissentenças com verbos de alçamento
a) *Os meninosⁱ parecem* [^{tⁱ} inocentes].
b) *Essa conversaⁱ soa* [^{tⁱ} falsa].
c) *Os soldadosⁱ continuam* [^{tⁱ} feridos].

A tipologia das minissentenças nominais provavelmente se replica aqui,
pois deve haver minissentenças adjetivais simples e complexas.

Minissentença adverbial

Adjetivos e advérbios compartilham várias propriedades sintáticas e
semânticas, distinguindo-se em que estes não dispõem de morfologia fle-
xional. Nesta seção, estudarei o compartilhamento de outra propriedade, pois
também os advérbios funcionam como minissentenças.

Os advérbios (i) predicativos (11e-f), (ii) de verificação (o *só* de 11a-b, e o *também* de 11d) e (iii) dêiticos (o *amanhã* de 11a) são núcleos de sintagmas adverbiais que funcionam como minissentenças:

- (11) a) *Hoje, só amanhã.* (= trabalhador no final de sua jornada)
 b) A – *E aí, vamos ou não vamos passear?*
 B – *Só!*
 c) *Aqui! Aqui!* (= jogador pedindo a bola)
 d) *Eu também!*
 e) *Isso mesmo! Assim!*
 f) *Felizmente, arre!*
 g) *Andando bastante você emagrece.*

Minissentença preposicional

Nos exemplos (12-13), vários sintagmas preposicionais não governados por um predicador funcionam como minissentenças. As minissentenças preposicionais aparecem adjungidas à sentença simples:

(12) *Os eleitores escolheram um advogado para prefeito.*

(12a) *Sentença simples* [Os eleitores escolheram um advogado]
 Minissentença [para prefeito].

(13) *Sobre globalização, eu gostaria que o senhor falasse sobre o significado da globalização no mundo moderno.*

(13a) *Minissentença* [Sobre globalização], *Sentença simples* [eu gostaria que o senhor falasse sobre o significado da globalização no mundo moderno].

A minissentença preposicional de (13) é uma construção de tópico, funcionando como um adjunto da sentença simples que se segue.

Obtida uma definição e uma classificação das minissentenças, está na hora de verificar como a literatura as tem tratado. Como já disse aqui, há uma bibliografia razoável sobre as minissentenças, com a esperada flutuação de rótulos.

A Gramática tradicional identificou em alguns dos exemplos acima uma estrutura única, organizada por um verbo *transobjetivo*, ou seja, um verbo que “vai além” das relações transitivas, visto escolher simultaneamente um complemento de objeto e um complemento de qualidade, que é a nossa minissentença adjetival.

A Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira se deu conta da duplicidade dessa estrutura, denominando todo o predicado *predicado verbo-nominal*. Esse predicado é verbal porque escolhe um objeto direto, e é nominal porque encabeça um adjetivo predicativo no conjunto.

Na Linguística moderna, creio que o primeiro a tratar das minissentenças foi Bally (1951). Operando no quadro da Estilística linguística, ele as denominou *orações nominais*, para sublinhar que se tratava de orações sem verbo. Em seus dados, ele observou que as minissentenças nominais ora dispunham de um só sintagma nominal, que ele denominou *monorrema*, como (4a), ora de sintagmas nominais sequenciados, aos quais dele denominou *dirremas*, como (4b). Muito provavelmente, esse autor escolheu o termo *rema* para destacar a função predicadora das orações nominais.

Outros autores postulam que as minissentenças são construídas através da omissão de verbos como *ser*, *estar* e, portanto, poderiam ser analisadas como sentenças de “grau verbal zero” (NAVAS RUIZ, 1962). Vê-se que esse autor reduz a minissentença a uma variante da sentença simples.

O rótulo *minissentença* (ing. *small clause*), habitualmente traduzido por *minioração* pelos linguistas brasileiros, foi lançado por Williams (1975).⁹ Creio que o primeiro trabalho gerativista sobre essa estrutura foi elaborado no mesmo ano por Bisol (1975), que a tratou como um predicado complexo. Stowell (1985, p.272) assim a definiu:

A teoria da minioração (“small clause”) está baseada na convicção de que esta relação semântica reflete-se uniformemente na estrutura de constituintes, no sentido de que a relação sujeito / predicado é sempre codificada sintaticamente em termos de um par de constituintes irmãos, tal como S→sujeito + predicado.

Na análise de Stowell (1985), o adjetivo que constitui a minissentença não é considerado como constituinte do sintagma nominal, e sim como unidade autônoma, lição que seguimos aqui. Para uma análise gerativista, ver Kato (1988) e Mito, Silva, Lopes (2005, p.41-46), que elaboraram essa teoria no domínio da língua portuguesa.

Uma interessante questão teórica pendente de solução aparece nas citações acima. Em Stowell, vê-se uma tendência comum na literatura formalista

⁹ Agradeço ao Prof. Milton do Nascimento, que comentou este capítulo, por essa indicação bibliográfica.

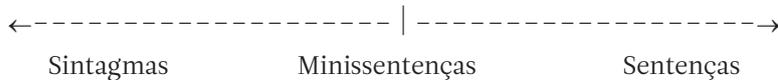
de tratar as minissentenças adjetival e preposicional como um constituinte da sentença simples, entendida como uma estrutura de base. De acordo com essa percepção, a sintaxe é o componente central da língua, e as estruturas devem por si mesmas permitir uma interpretação semântica satisfatória.

Conclusões

Estudos descritivos da língua falada analisam exemplos semelhantes a (1) a (13), tão comuns nessa modalidade, como *fragmentos*, *anacolutos*, *restos* (fr. *bribes*), entre outros.

O ponto de vista teórico aqui adotado não aconselha a que as minissentenças sejam tratadas seja como fragmentos soltos, com um estatuto sintático incerto, seja como constituintes das sentenças simples. Parece mais natural admitir um *continuum* entre os sintagmas e as sentenças simples e complexas.

Encarando essas três estruturas de acordo com a Teoria dos protótipos, direi que os sintagmas, de um lado, e as sentenças simples e complexas, de outro, ocupam os pontos extremos de um eixo, cujo ponto médio é ocupado pelas minissentenças, que compartilham propriedades de ambos:



Essa representação mostra que há uma relação de gradiência entre essas estruturas, e não uma relação de derivação.

Referências

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza (Org.). *Gramática do português falado*. v.8. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Genève: George & Cie., 1951.
- BISOL, Leda. *Predicados complexos. Uma análise transformacional do português*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1975.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O Atlas Linguístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. In: AGUILERA, V. A. (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2005. p.3-12.

- CASTILHO, Ataliba T. de. Da análise da conversação para a análise gramatical. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v.17, p.219-226, 1989a.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Para o estudo das unidades discursivas do português falado. In: ____ (Org.). *Português culto falado no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989b. p.249-280.
- CASTILHO, Ataliba T. de. O português culto falado no Brasil: história do Projeto NURC. In: PRETI, D.; URBANO, H. (Org.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v.4: Estudos. São Paulo: TAQ; Fapesp, 1990a. p.141-202.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Problemas de descrição da língua falada. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.10, n.1, p.47-71, 1994.
- CASTILHO, Ataliba T. de. A língua falada e sua descrição. In: *Para Segismundo Spina: língua, filologia, literatura*. São Paulo: Edusp; Iluminuras, 1995. p.69-90.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Língua falada e gramaticalização: o caso de *mas*. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v.1, p.107-120, 1997a.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Para uma sintaxe da repetição. Língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura*, São Paulo, v.22, p.293-332, 1997b. Uma versão preliminar apareceu como: A repetição como processo constitutivo da gramática do português falado. In: PADILLA, José Antonio Samper; DÉNIZ, Magnolia Troya (Org.). *Actas del XI Congreso de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina*. Las Palmas: Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, 2000. Tomo 3, p.2289-2298.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto, 1998a. 6.ed., 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. In: BERNALES, Mario; CONTRERAS, Constantino (Org.). *Por los caminos del lenguaje*. Temuco: Ediciones Universidad de La Frontera, 1998b. p.23-37.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Langue parlée et processus grammaticaux. In: M. BILGER, M.; EYNDE, K. van den; GADET, F. (Ed.). *Analyse linguistique et approches de l'oral*. Recueil d'études offert en hommage à Claire Blanche-Benveniste. Paris; Leuven: Peeters, 1998c. p.141-148.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Unidirectionality or multidirectionality? *Revista do GEL*, v.1, p.35-48, 2004.
- CASTILHO, Ataliba T. de. Abordagem da língua como um sistema complexo. Contribuições para uma nova linguística histórica. In: CASTILHO, A. T. de; MORAIS, M. A. Torres; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. L. (Org.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro. Homenagem a Mary A. Kato*. Campinas: Pontes; Fapesp, 2007. p.329-360.

CASTILHO, Ataliba T. de. A categoria cognitiva de movimento na gramática do português. Refletindo sobre os achados dos Projetos NURC, PGPF e PHPB. In: HORA, Dermeval da; ALVES, Eliane Ferraz; ESPÍNDOLA, Lucienne C. (Org.). *Abralin: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora Universitária, 2009. p.71-96.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. v.1: A Ordem. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1990b. 2.ed., 1991. 3.ed., 1997.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). *Gramática do português falado*. v.3: As abordagens. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1993.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (Org.). *Gramática do português falado*. v.4: Estudos descritivos. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1996.

CILLIERS, Paul. *Complexity & postmodernism. Understanding complex systems*. London; New York: Routledge, 2000.

FERREIRA, Carlota da Silveira; MOTA, Jacyra Andrade; FREITAS, Judith Mendes de Aguiar; ANDRADE, Nadja Maria Cruz de; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; ROLLEMBERG, Vera Lúcia; ROSSI, Nelson. *Atlas linguístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

GLEICK, James. *Chaos. Making a new science*. New York: Penguin Books, 1988.

ILARI, Rodolfo (Org.). *Gramática do português falado*. v.2: Níveis de análise linguística. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

ILARI, Rodolfo; NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v.2: Classes de palavras e construções. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2008.

JESPERSEN, Otto. *The philosophy of grammar*. London: Allen & Unwin, 1924. Tradução francesa: *La philosophie de la grammaire*. Paris: Les Editions de Minuit, 1971.

JUBRAN, Clélia Cândida Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça Koch (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v.1: Construção do texto falado. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

KATO, Mary. Formas de funcionalismo na sintaxe. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v.14, p.145-168, 1998. Número especial.

KATO, Mary A. (Org.). *Gramática do português falado*. v.5. Campinas: Fapesp; Editora da Unicamp, 1996.

KATO, Mary A.; NASCIMENTO, Milton do (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v.3: Construção da sentença. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). *Gramática do português falado*. v.6. Campinas: Editora da Unicamp; Fapesp, 1996.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth Elizabeth Vasconcelos. *Novo manual de sintaxe*. Florianópolis: Insular, 1999. 2.ed., 2005.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. v.1: Diálogos entre informante e documentador. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 1994.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. *A linguagem falada culta na cidade de Salvador*. Materiais para seu estudo. v.2: Elocuções formais. Salvador: Instituto de Letras da UFBA, 2006.
- NAVAS RUIZ, Ricardo. *Ser y estar. Estudio sobre el sistema atributivo del español*. Salamanca: Acta Salmanticensis, 1962.
- NEVES, Maria Helena de Moura (Org.). *Gramática do português falado*. v.7. São Paulo: Humanitas; Campinas: Editora da Unicamp, 1999.
- SECHEHAYE, Albert. *Essai sur la structure logique de la phrase*. Paris: Champion, 1926.
- STOWELL, Timothy. Small clauses restructuring. In: FREIDIN, R. (Ed.). *Principles and parameters in comparative grammar*. Cambridge: MIT Press, 1985.
- WALDROP, M. Mitchell. *Complexity. The emerging science at the edge of order and chaos*. New York: A Touchtone Book, 1933.
- WILLIAMS, E. Small clauses in English. In: KIMBALL, J. (Ed.). *Syntax and semantics*. v.4. New York: Academic Press, 1975.